

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

A CONDIÇÃO PARADIGMÁTICA DA AMBIVALÊNCIA BAUMANIANA¹

Claudionei Vicente Cassol², Sidinei Pithan Da Silva³.

¹ Texto desenvolvido na linha de pesquisa 2 - Teorias pedagógicas e dimensões éticas e políticas da educação, PPGEC - Unijuí.

² Acadêmico no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências - Unijuí, bolsista PROSUP/CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa Teorias Pedagógicas e Dimensões Éticas e Políticas da Educação, PPGEC-Unijuí; Grupo de Pesquisa em Filosofia e Núcleo de Estudos Filosóficos - URI-FW.

³ Professor do Depto de Humanidades e Educação e do PPGEC (UNIJUÍ). Dr em Educação pela UFPR; Ms em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ. Lic. em Educação Física e Bacharel em Farmácia pela UFSM; Lic. em História pela UNIJUÍ.

Este texto versa sobre a emergência do pensamento de Zygmunt Bauman no cenário teórico contemporâneo. De forma particular procura pensar o significado do conceito de ambivalência para este autor. Seria a ambivalência uma característica que Bauman pretende atribuir para esse momento histórico da modernidade? Ou, talvez, seria a ambivalência uma postura epistemológica ou mesmo uma atitude ética e política diante da modernidade em sua fase sólida e líquida? Para Pithan da Silva (2015a), Zygmunt Bauman

cunha estes conceitos de forma metafórica para se referir a dois momentos históricos distintos. O primeiro se refere à emergência da modernidade e sua afirmação destrutiva diante da tradição medieval e o segundo como uma variante da modernidade em sua fase contemporânea. Na leitura de Bauman ambos os conceitos permitem pensar a mudança nas condições de constituição do mundo moderno e de sua estrutura de pensamento. A modernidade em sua fase inicial pretendeu anular a ambivalência do real, e com isso, pretendeu criar uma esfera totalmente racional para administrar o mundo. Desta forma erigiu um paradigma, ou mesmo uma matriz de pensamento, que hipervalorizou a lógica (positivista) em detrimento da estética (sensível). Ela, a modernidade sólida, suprimiu a ambivalência, a complexidade do real, apresentando-o como linear. No contexto contemporâneo, trata-se de reconhecer a ambivalência como um elemento constitutivo de nosso modo de ser e de conhecer. Isto significa que a ambivalência, para Bauman, está tanto no real quanto no nosso modo de pensá-lo linguisticamente.

Neste sentido, este texto assume o conceito de ambivalência cunhado por Bauman, compreendendo que o mesmo expressa uma forma de pensar e conceber o conhecimento e mundo social e histórico a partir do enfoque dialético, desconstrutivo e hermenêutico e, desse modo, o conceito de ambivalência é uma forma de paradigma. Se o conceito de ambivalência pode ser considerado um paradigma, ou seja, compreendido enquanto um sistema teórico e interpretativo que permite compreender o real e o conhecimento de uma determinada forma, então se pode interpretar que o próprio paradigma emerge enquanto uma espécie de âncora no resíduo da liquidez ocasionada pelo mal-estar da pós-modernidade. Para se constituir paradigma, a ambivalência é assumida por Bauman a partir dos elementos da tradição dialética, os quais são repensados no horizonte da hermenêutica pluralizadora (4), do pragmatismo e do pós-estruturalismo. Desse modo, ela é aquilo que teimosamente tende a permanecer e, de outro lado, insistentemente a diluir. Com isso não se quer expressar um sentido simplificador, singularizador, mas pluralizador, no qual a hermenêutica é

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

instituída a partir do residual de valores gestado na viva carne da multiplicidade, da diferença, da consciência das identidades, da pluralidade.

Bauman evidencia esta identidade cambiante ou capaz de ambivalência com o tempo, sem uma referência única, qualificando, desse modo, a categoria ambivalência, em paradigma. Então, também, é possível repensar a pedagogia e a educação com este sentido e, inclusive a própria escola. Nessa arqueologia, educar para a mudança, é educar para a solidariedade. Nossas forças pedagógicas nos ajudam a entender que formar para a mudança só é possível a partir da construção-reconstrução de noções e conceitos herdados. O desafio de aprender permanentemente parece não poder se colocar sem um alicerce de saberes que possibilitam continuar aprendendo. Essa possibilidade é assegurada pelo paradigma da ambivalência.

Simultaneamente, na modernidade líquida, enquanto tempo histórico e *modus vivendi*, ocorre a diluição de valores estruturados do passado e do próprio presente, mas também o instituir espaços de reflexão acerca do novo, das possibilidades ainda não pensadas ou cogitadas como possíveis e, por vezes, necessárias. A atitude epistêmica que emerge no cenário contemporâneo, desenhado por Bauman pela metáfora da modernidade líquida, ao pautar-se pela perspectiva desconstrucionista das edificações estruturadas historicamente sem reflexão, sem crítica no âmbito da racionalidade legislativa moderna, permite outra compreensão do lugar do pedagógico e do educativo na dimensão da constituição humana. Esta perspectiva apresenta-se, em Bauman, como uma bela plataforma teórica para pensar valores, ações, compreensões, práticas, noções, conceitos, vigências, consistências, que precisam de revisão, de atualização. Acima de tudo, a ambivalência é a condição do real que permaneceu esquecida ao longo do imperativo da racionalidade legisladora. Para Bauman, a modernidade em sua fase sólida, ao pretender suprimir a ambivalência do real, ou seja, sua complexidade, buscou controlá-lo. Este o pressuposto constitutivo da dominação na modernidade sólida (enquanto uma forma de sociedade administrada - conforme foi tematizado por Adorno).

Sob outro aspecto o conceito de ambivalência contém uma nova forma de compreender e enfrentar a crise. Não que seja possível afirmar, a partir de Bauman, a unicidade de sentidos, que exista um viver distante das encruzilhadas e da crise, mas a própria compreensão de que se está constantemente em encruzilhadas e em crise, ou seja, em ambiente de múltiplas interrogações, no qual as múltiplas vozes, as múltiplas visões de mundo apontam diferentes direções e aí se estabelece uma necessidade de diálogo, de afinidade de narrativas e argumentações e também de conflitos, de dissonâncias; porque o diálogo real não é falar com pessoas que pensam igual (BAUMAN, 2016a), mas encontrar na diferença, pontos de crescimento. Nessa relação se caracteriza o paradigma da ambivalência e, a partir dele, se iluminam as possibilidades advindas dos resíduos da solidez, dos valores, que se constituem espaços de agregação, de ampliação de coesões, ou seja, as vias de solidariedade.

Há, no entanto, uma outra noção para a modernidade líquida, que não se refere a um modo interpretativo acerca do conhecimento, mas à própria liquefação social estabelecida pelo capitalismo contemporâneo. Sob esta perspectiva estamos diante de um modo de vida social que tudo dilui – ou seja, tudo que é sólido desmancha no ar (como nos ensinou Marx). A modernidade em sua fase sólida alimentou-se pela crença de que era preciso conhecer para controlar. Cunhou, para tanto, um conceito de razão que permitiu uma forma de pensamento calculador; ou seja, um tipo de pensamento ordenador manteve-se como o guardião da projeção e da constituição da

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

humanidade do homem. As certezas da fé foram substituídas pelas certezas da ciência positivista. A aplicação deste modelo de conhecimento ao mundo social e histórico permitiu, não somente a constituição e edificação de regimes democráticos, como também a expansão e legitimação da sociedade capitalista moderna e industrial. A modernidade em sua fase líquida, constitui-se na erosão e liquefação dos valores sólidos que sustentaram a vida no auge da modernidade, seja pelas vias do processo de globalização em curso, que revoluciona e coloca o mundo sob os ditames unidimensionais da economia, seja pela crise dos ideais utópicos que animaram a vida ética e política do projeto social moderno, que inaugura um cenário de incerteza, fatalismo e ceticismo quanto às possibilidades de mudança social.

Em suma, a ambivalência, enquanto uma noção paradigmática permite pensar como Bauman interpreta os dois cenários da modernidade. O primeiro, em que a modernidade se afirma como um novo tempo histórico, erigindo uma noção de conhecimento e de razão que suprime a ambivalência, autorizando e legitimando uma espécie de capitalismo nacional pautado no industrialismo e na produção em grande escala. O conceito de ordem é basilar para esta forma de vida social, a qual deve ser duramente cultivada e construída, pela educação, sob o crivo da disciplina e do ajustamento das pessoas à Norma erigida universalmente pelo Estado-Nação. A razão produtiva torna-se a forma unidimensional que produz o sentido e a direção do progresso. O segundo, em que a modernidade, se configura como um tempo histórico em que o passado e o futuro perdem seu valor e sentido, erigindo uma forma de relação com o mundo que se dá de forma presentista e sem horizonte histórico, o que configura uma expressão do sentimento de impotência dos sujeitos e da política, diante do descontrole e da desregulamentação do mundo social a partir da ascensão de uma espécie de capitalismo transnacional (global), pautado no consumo e no estímulo do hiper-individualismo.

O conceito de desordem é basilar para esta forma de vida social, uma vez que o cultivo do mercado consumidor (global) deve se pautar muito mais pelo estímulo e pela formação de sujeitos e pessoas desengajadas com o mundo e com a política, o que significa que a força do desejo de consumo torna-se a nova forma de configuração educacional do mundo. Doravante, pode-se interpretar que a modernidade em sua fase sólida tornou-se opressora porque suprimiu a ambivalência entre a noção de ordem e desordem. Sua face dominadora, Normativa/Legisladora, esteve focada na excessiva confiança no pensamento calculador e normalizador. À educação só caberia ajustar os sujeitos ao mundo, servindo como uma poderosa forma de adaptação. De outra parte, a modernidade, em sua fase líquida, tornou-se dominadora porque suprimiu e desvalorizou toda forma e tentativa de Normatividade/Legislação/Intervenção que se coloca na contracorrente do jogo desordenado do capitalismo global. Sua expressão mais simples se dá na expressão da desordem como categoria natural do curso do mundo e dos homens, a qual significa um Abandono do mundo público e do desvalor da cidadania e da educação. O cenário ambivalente da modernidade configura, portanto, um deslocamento de formas em que a educação, promovida pelo Estado-Nação, sob o império do interesse produtivo, cumpria um papel social de Ajustamento das pessoas às Normas universais (sociedade administrada/produtiva – papel ordeiro), para um cenário em que a educação, a partir da crise do Estado-Nação, no contexto neoliberal, cumpre um papel social de Abandono das pessoas à Lógica do Consumo (sociedade administrada/consumo – papel indefinido/desordenado).

A modernidade sólida suprimiu a ambivalência do par segurança/liberdade, apostando que a felicidade humana estava do lado da segurança. Ou seja, ela apostou que a educação humana

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

deveria se dar de forma controlada e tutelada pela sociedade, de forma a restringir ao máximo o lugar dos sujeitos em suas escolhas. A modernidade líquida, enquanto época histórica, parece ter apostado tudo no altar da liberdade das escolhas dos sujeitos, menosprezando o papel da segurança e da sociedade na configuração do mundo. Ou seja, ela apostou que a educação humana deveria ser feita e efetuada conforme os Desejos dos sujeitos, em detrimento a qualquer tipo de Normatividade social, ou mesmo de proteção social fornecida pelo Estado e pela Sociedade. Bauman parece tentar nos ajudar a pensar de forma ambivalente, e isto parece significar uma nova via paradigmática para pensar o lugar da educação na constituição da vida social e humana, bem como para compreender os desafios de nosso tempo social e histórico.

Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. O mal estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro : Zahar, 1998. (Postmodernity and its Discontents – 1997, Cambridge, Inglaterra – Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama, ver. de Luís Carlos Fridman).

BAUMAN, Zygmunt. Zygmunt Bauman defende que as redes sociais são uma armadilha. Entrevista concedida ao jornal El País. Disponível no endereço: <http://pplware.sapo.pt/informacao/zygmunt-bauman-defende-que-as-redes-sociais-sao-uma-armadilha/>, capturado em 10/01/2016a.

PITHAN DA SILVA, Sidinei. Educação, Diferença e Emancipação. Cadeira desenvolvida no PPGECD/Doutorado, 2015-II. Unijuí, 2015.

(4)

Zygmunt Bauman (1998, p. 247-8), apresenta a hermenêutica pluralizadora, a partir de Odo Marquard (1925-2015), em oposição à hermenêutica singularizadora. Indica um caminho metodológico, ao escrever, a partir de outra narrativa: [...] o texto pode ser compreendido de um modo diferente e, se isso não é o bastante, de outro modo, e ainda outro. A hermenêutica pluralizadora, ao contrário da hermenêutica singularizadora, renuncia um ser voltado para o texto. Enquanto hermenêutica e enquanto pluralizadora, expressa: a liberdade indica que nada foi estabelecido para sempre (BAUMAN, 1998, p. 246). Um pouco antes, escreve: Em todo jogo há vencedores e perdedores. Esclarece mais o sentido pluralizador ao escrever que A história está cheia de assassinos de massa cometidos em nome de uma e única verdade (p. 248). Em sentido semelhante, continua: [...] um e único transmite a uma e única mensagem: o direito ao monopólio do poder para alguns, o dever da total obediência para outros (p. 248). Cita ainda Marquard, para justificar a concepção de hermenêutica pluralizadora: exatamente a variedade é a possibilidade da liberdade humana (p. 249). Ainda insiste no sentido, ao escrever: É benéfico para o indivíduo como indivíduo ter muitas convicções, ter muitas tradições e histórias, e muitas almas – oh! – num peito, ter muitos deuses e muitos pontos de orientação (p. 249). O sentido de hermenêutica pluralizadora parece completar-se na ambivalência baumanina: é no cemitério do consenso universal que a responsabilidade, a liberdade e o indivíduo exalam seu último suspiro (BAUMAN, 1998, p. 249).